

FARMANGUINHOS/FIOCRUZ
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DA INOVAÇÃO EM FITOMEDICAMENTOS

SARAH NEVES DO NASCIMENTO

**AGRICULTURA URBANA E SUA INFLUÊNCIA NA SOCIEDADE:
ALIMENTAÇÃO, SAÚDE E FONTE DE RENDA**

Rio de Janeiro - RJ

2018

SARAH NEVES DO NASCIMENTO

**AGRICULTURA URBANA E SUA INFLUÊNCIA NA SOCIEDADE:
ALIMENTAÇÃO, SAÚDE E FONTE DE RENDA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Lato sensu* de Farmanguinhos da Fundação Oswaldo Cruz-FIOCRUZ como requisito para obtenção do título de Especialista em Gestão da Inovação em Fitomedicamentos.

Orientadora: Dra. Bettina Monika Ruppelt

Rio de Janeiro - RJ

2018

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca de Medicamentos e Fitomedicamentos/ Farmanguinhos / FIOCRUZ - RJ

N244a Nascimento, Sarah Neves do

Agricultura urbana e sua influência na sociedade: alimentação, saúde e fonte de renda. / Sarah Neves do Nascimento. – Rio de Janeiro, 2018.

viii, 42 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Bettina Monika Ruppelt .

Monografia (especialização) – Instituto de Tecnologia em Fármacos – Farmanguinhos, Pós-graduação em Gestão da Inovação em Fitomedicamentos, 2018.

Bibliografia: f. 40-42

1. Agricultura Urbana. 2. Horta Comunitária. 3. Plantas Medicinais. 4. Gestão. I. Título.

CDD 581.634

Sarah Neves do Nascimento

**AGRICULTURA URBANA E SUA INFLUÊNCIA NA SOCIEDADE:
ALIMENTAÇÃO, SAÚDE E FONTE DE RENDA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Lato sensu* de Farmanguinhos da Fundação Oswaldo Cruz-FIOCRUZ como requisito para obtenção do título de Especialista em Gestão da Inovação em Fitomedicamentos.

Aprovada em, 17 de dezembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Dra. Bettina Monika Ruppelt
Doutora em Química de Produtos Naturais - (Orientadora)

DSc. Arthur Luiz Corrêa
Doutor em Ciência Aplicada a Produtos para Saúde

Robson Patrocínio de Souza
Coordenador do Projeto Quintais Produtivos - CFMA

Rio de Janeiro

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Ti Deus por Sua bondade e amor, ao me escolher para este propósito e me fazer concluir esta fase. Porque tudo é DELE, por Ele e para Ele.

Aos meus pais, agradeço por todo apoio e suporte para que eu pudesse me dedicar ao curso e por tudo que fizeram.

A minha família pelo carinho e incentivo que foram de grande importância durante esse tempo.

À coordenação do curso por todo auxílio necessário para elaboração deste trabalho. E a cada professor pelo ensinamento.

Aos meus amigos de turma que tornaram as sextas-feiras muito mais animadas.

Ao coordenador Robson Patrocínio, a Valdirene Militão e a toda equipe do projeto, também a Fiocruz Campus Mata Atlântica, agradeço por me aceitarem e me permitirem acompanhar seu trabalho.

A Rita, Aldaci, Fátima, Sandra, Sumaia e Carla por me acolherem e permitirem que eu pudesse conhecer e aprender o amor pela terra e pelo que ela nos dá.

A minha orientadora Bettina por toda colaboração, apoio e confiança que tanto me ajudaram para que este trabalho fosse concluído.

“Disse-lhes mais: Eis que vos tenho dado todas as ervas que produzem semente, as quais se acham sobre a face de toda a terra, bem como todas as árvores em que há fruto que dê semente; ser-vos-ão para mantimento.”

(Gn 1.29)

RESUMO

O homem mantém há muitos anos o hábito de plantar seus alimentos, mas essa prática não está apenas restrita ao campo, mas também nas cidades. Mesmo num ambiente tão moderno, com prédios e concreto, é possível encontrar hortas em lajes, canteiros e até baldes. As hortas urbanas fazem parte de programas e políticas relacionados à saúde, como a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO- FoodandAgricultureOrganization). O presente trabalho tem por objetivo analisar a influência da agricultura urbana na sociedade, atingindo diversas áreas da vida do indivíduo como a alimentação, a renda familiar e a saúde. A pesquisa realizada desenvolve uma revisão documental, elaborada por análise do acervo de alguns projetos e também artigos, monografias sobre o tema do estudo, presentes na literatura. A implantação de hortas nos centros urbanos influencia não só na alimentação dos envolvidos, mas também na inclusão social, a segurança e soberania alimentar dos consumidores e beneficiários dos projetos, o conhecimento tradicional que é passado entre as pessoas e a geração de empregos. Levando-se em consideração esses aspectos, entende-se a relevância da agricultura urbana e suas ações promissoras para a vida do homem, da cidade e do mundo.

Palavras-chave: agricultura urbana, horta comunitária, plantas medicinais, gestão.

ABSTRACT

Man has for many years been in the habit of planting his food, but this practice is not only restricted to the countryside but also to the cities. Even in such a modern environment, with buildings and concrete, it is possible to find gardens on slabs, flowerbeds and even buckets. Urban gardens are part of health-related programs and policies, such as the Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO). The objective of this study is to analyze the influence of urban agriculture in society, affecting several areas of life of the individual such as food, family income and health. The research developed a documentary review, elaborated by analysis of collection of some projects and also articles, monographs on the subject of the study, present in the literature. The implementation of vegetable gardens in urban centers influences not only the nutrition of those involved, but also social inclusion, security and food sovereignty of consumers and beneficiaries of the projects, traditional knowledge that is passed between people and the generation of jobs. Considering these aspects, we mean the relevance of urban agriculture and their promising actions for the life of man, city and the world.

Keywords: urban agriculture, community garden, medicinal plants, managers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Logomarca Hortas Cariocas.....	20
Figura 2- Equipe de trabalhadores do Projeto Hortas Cariocas.....	21
Figura 3- Horta Comunitária de Manguinhos.....	21
Figura 4- Trabalhador da Horta Comunitária de Manguinhos.....	22
Figura 5- Canteiros da Horta Comunitária de Manguinhos.....	23
Figura 6- Barraca de produtos da Horta Comunitária de Manguinhos.....	23
Figura 7- Equipe de trabalhadoras da Horta Comunitária de Parada Angélica.....	24
Figura 8- Equipe de Agricultoras dos Quintais Produtivos.....	25
Figura 9- Agricultoras dos Quintais Produtivos em atividades de limpeza em um dos quintais.....	26
Figura 10- Reunião de equipe e agricultoras dos Quintais Produtivos.....	27
Figura 11- Dona Rita, agricultora dos Quintais Produtivos.....	27
Figura 12- Produção dos Quintais Produtivos.....	28
Figura 13- Agricultoras na barraca dos Quintais Produtivos.....	28
Figura 14- Dona Fátima, agricultora dos Quintais Produtivos.....	29
Figura 15- Reunião com as agricultoras do Projeto.....	31
Figura 16- Dona Fátima, agricultora dos Quintais Produtivos em seu quintal.....	32
Figura 17- Dona Aldaci, agricultora dos Quintais Produtivos.....	33
Figura 18- Primeiro encontro com a equipe dos Quintais Produtivos.....	35

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	9
1.1.	TEMA.....	9
1.2.	OBJETIVO.....	12
1.3.	JUSTIFICATIVA.....	13
1.4.	METODOLOGIA.....	14
2.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1.	HORTAS CARIOCAS.....	20
2.1.1.	HORTA COMUNITÁRIA DE MANGUINHOS.....	21
2.2.	HORTA COMUNITÁRIA DE PARADA ANGÉLICA.....	24
2.3.	QUINTAIS PRODUTIVOS DA COLÔNIA JULIANO MOREIRA.....	25
2.3.1.	A GESTÃO INOVADORA.....	29
2.3.2.	ANÁLISE REFERENTE À EXPERIENCIA COMO VOLUNTÁRIA.....	33
3.	DISCUSSÃO.....	36
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
5.	REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

1.1. TEMA

A integração do homem com o meio ambiente a procura de elevar a sua qualidade de vida, dentro de um contexto, representa o seu processo de desenvolvimento humano(SANTOS, et al, 2015).

O homem urbano, com a prática de cultivar os alimentos, tem oportunidade de ter uma experiência com a agricultura, uma arte antiga de desenvolver e estabelecer uma relação com o ambiente. Essa integração entre os seres vivos é chamada de mutualismo, que expressa o cuidado do homem com outras espécies de seres vivos (JACCOUD, 2016).

O costume de cultivar alimentos nos centros urbanos é antigo, milenar, porém apenas na década de 90 que impulsionou em todo Brasil, a nominada agricultura urbana e periurbana (AUP). Seu conceito abraça a produção e prestação de serviços, fornecendo produtos agrícolas de espécies variadas, para o autoconsumo, doações e comercializações (COSTA, et al, 2015).

No ano de 1980, expandiu o conceito de plantar hortaliças nas cidades da América Latina, África e Ásia. Isso se deu como estratégia de combate a fome em populações pobres que sofreram com as crises econômicas. Durante esse mesmo período, no Brasil esse movimento começou com apoio dos governos de alguns municípios e instituições (CASTELO BRANCO; ALCÂNTARA, 2011).

A agroecologia tem papel fundamental na adoção de novas medidas das produções agrícolas de famílias, isso é devido ao mínimo uso de agentes externos de produção, buscando assim a manutenção e preservação do meio ambiente (AQUINO; ASSIS, 2007).

As hortas urbanas a partir do século vinte foram incorporadas a política nacional de redução da pobreza e garantia de segurança alimentar. Após isso os projetos receberam investimentos dos governos federal, municipal e estadual. O Programa Nacional de Agricultura Urbana financiou diversas hortas e lavouras

comunitárias, beneficiando mais de 600.000 pessoas (CASTELO BRANCO; ALCÂNTARA, 2011).

Esses projetos são muito vantajosos para as prefeituras, devido à geração de empregos e até pelo fornecimento dos alimentos para creches e escolas locais (DINARDO; CATANEO, 2009).

A agricultura urbana tem impactado diversas áreas das grandes cidades, proporcionando maior crescimento econômico, com o foco na manutenção e recuperação do meio ambiente, recuperando a integração das pessoas com a biodiversidade(AQUINO; ASSIS, 2007).

Algumas cidades no Brasil como Fortaleza–CE, Belo Horizonte–MG, Teresina–PI, Brasília–DF, Campinas–SP e Santo Antônio do Descoberto–GO apresentaram programas governamentais que promovem o cultivo urbano como fonte de renda, além da produção dos alimentos para a população das comunidades das cidades (FARFÁN SJA; et al., 2008).

O Rio de Janeiro embora considerado a segunda metrópole do país, apresenta projetos de cultivo de alimentos em espaços urbanos, os quintais residenciais são a escolha de pessoas que não possuem grandes extensões de terra, mas ainda nutrem a necessidade de ter a relação com o ecossistema, como aprenderam com seus antepassados, práticas familiares de anos. A ONG Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura AlternativaAS-PTA, registrou esse movimento em campo Grande, no loteamento Ana Gonzaga (AQUINO; ASSIS, 2007).

O movimento de pessoas que plantam nas cidades ainda que esteja em fase de estabelecimento, o mesmo já ganhou espaço em grandes instituições mundiais entre elas a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o mesmo acontece em entidades privadas (AQUINO; ASSIS, 2007).

Ainda que tão conhecida, implantada em diversos lugares, presente em programas e políticas relacionadas à saúde, existem poucos estudos que apontam a atuação das hortas urbanas na promoção da saúde (COSTA, et al, 2015).

A implantação de hortas urbanas promove inúmeras vantagens como a produção de alimentose plantas medicinais, eliminação dos riscos de contaminação e uso de agrotóxicos, a geração de empregos, a sua aplicação em atividades recreativas e lúdicas para grupos de idosos, crianças e pacientes portadores de doenças mentais; elaboração de farmácias caseiras, ação na prevenção e combate a doenças, o uso de plantas medicinais em cosméticos caseiros (ROESE; CURADO, 2004).

O cultivo de plantas medicinais apresenta papel importante e significativo relacionado à área da saúde, principalmente associado à Política Nacional de Educação em Saúde, a Política Nacional de Promoção da Saúde, a Política Nacional de Plantas Medicinais e a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (COSTA, et al, 2015).

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. GERAL

Analisar a influência da agricultura urbana na região metropolitana do Rio de Janeiro, atingindo diversas áreas da vida do indivíduo como a alimentação, a renda familiar e a saúde.

1.2.2 ESPECÍFICOS

Apresentar e analisar documentos, monografias, observações e relatos com registros das ações de agricultura urbana na sociedade e no indivíduo.

Demonstrar através de bases bibliográficas comprovações do resultado da implantação de projetos de agricultura urbana em ambientes variados.

1.3 JUSTIFICATIVA

Atualmente as pessoas têm buscado um estilo de vida mais saudável. A prática de atividades físicas e consumo de orgânicos ganham mais adeptos. A alternativa para facilitar o acesso ao alimento saudável e o cultivo em casa. Algumas cooperativas e ONGs realizam esse trabalho com o auxílio de moradores da localidade, as chamadas hortas comunitárias, que oferecem não só o alimento e a saúde através do consumo da produção, mas também a renda que é gerada pela comercialização dos produtos.

Os grandes centros urbanos hoje possuem diversos projetos de agricultura, que são usadas como ferramentas para desenvolvimento na vida dos envolvidos, tornando este como participante da sociedade, como um produtor de alimentos orgânicos, gerando renda para essa família, estimulando o consumo consciente de alimentos saudáveis. Em alguns projetos parte dessa colheita é destinada às famílias, creches e escolas. Outra ação é o resgate do cuidado com a terra e o meio ambiente e o conhecimento tradicional de plantas medicinais.

1.4 METODOLOGIA

O estudo apresentado tem sua metodologia dividida em três níveis: o primeiro é o levantamento bibliográfico, o segundo a observação dos objetos da pesquisa e o terceiro a análise de dados obtidos.

Este projeto trata se de uma revisão documental, realizada através da análise de dados do acervo de cada projeto, utilizando documentos de formatos variados, monografias e observações. Além desses registros também será elaborada uma pesquisa bibliográfica para complementação do conteúdo de estudo.

A observação se deu através de trabalho voluntário no projeto Quintais Produtivos da equipe do Campus Fiocruz Mata Atlântica, em que foi possível acompanhar as atividades do grupo, como mutirões, reuniões de equipe e a barraca de comércio das agricultoras locais.

As visitas foram acompanhadas dos supervisores do projeto, permitindo assim maior acesso a informações específicas das atividades efetuadas de cada movimento, acompanhando então todo o processo das equipes envolvidas.

As revisões bibliográficas foram obtidas por meio de artigos acadêmicos retirados da internet, através de bases próprias de consulta, entre eles o *Google Acadêmico* e o *Scielo*. Estão sendo usados artigos e produções acadêmicas publicados no período de 2004 a 2018.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil o processo de urbanização ocorreu rapidamente. Em quarenta anos a população urbana dobrou de tamanho (IBGE, 2010) Esse crescimento aconteceu sem um planejamento do espaço urbano para acomodar os novos moradores, provocando a criação de bairros sem saneamento básico, coleta de lixo e até acesso a energia elétrica(O'REILLY, 2014).

Durante o século XX a fome na sociedade foi ampliando e atingindo todo o mundo, estudos foram realizados na busca pela causa deste problema, e para a surpresa de muitos a razão não era devido à escassez de alimentos, pois a produção atual de produtos poderia atender a mais de 13 bilhões de pessoas sendo 2,5 bilhões o número de habitantes do mundo. Um dos estudiosos que mais se empenhou no combate à fome foi Josué de Castro, em seus registros apontava a associação entre o produtor rural e a exportação para outros países (FABRICIO, 2017).

Terminada a Segunda Guerra Mundial, os Estado Unidos decidem convocar uma assembléia em busca de medidas para enfrentar a questão da falta de alimentos nas casas. Foram apresentadas informações que apontavam os altos índices de homens, mulheres e crianças mortas por desnutrição. Entre as iniciativas fechadas na reunião estava à formação de um Conselho de Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO-FoodandAgricultureOrganizationofthe United Nations), que acabou dando origem ao Programa Alimentar Mundial (PAM) (FABRICIO, 2017).

O médico brasileiro Josué de Castro se tornou presidente do Conselho de Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO-FoodandAgricultureOrganizationofthe United Nations) em 1952, e declarou ter se sentido desapontado por não ter alcançado seus objetivos na luta por políticas que permitissem alimentação para todos. Mais uma vez ele comprovava que a fome não estava relacionada à quantidade de alimentos que eram produzidos e sim políticas agrárias. Em sua obra é possível ter acesso as suas pesquisas e constatações de como se dava esse problema e as alternativas de combate.

Destas estruturas, a mais retrógrada e a mais resistente ao verdadeiro progresso social é, sem nenhuma dúvida, a nossa estrutura agrária, daí a necessidade de atacá-la com decisão para adaptá-la as necessidades sociais do Brasil atual. É a inadequação de nossas estruturas agrárias o

fator essencial da má utilização de nossos recursos naturais, da baixa produtividade agrícola e da subocupação do homem no campo. Numa palavra: do atraso geral de nossa agricultura. O arcaísmo dessa estrutura agrária se evidencia não só pela inadequada distribuição das propriedades, como pelas relações de produção de tipo feudal, nas quais ainda perduram o regime da meação, a parceria e outras sobrevivências do feudalismo agrário (CASTRO, 2004, p. 284).

A cidade do Rio de Janeiro possui mais de 6 milhões de habitantes em seu território atualmente, e apresenta dificuldades referentes ao avanço da população urbana. Problemas como desemprego, violência, ausência de serviços públicos básicos, miséria e insegurança alimentar, expõem as carências do estado. Mesmo num ambiente tão desfavorável e até esquecido pelas autoridades locais, ocorrem movimentos relacionados à agricultura urbana como ferramenta da reativação e valorização desses espaços antes depreciados. A valorização desses espaços como: promoção do desenvolvimento econômico, aproximação dos moradores, conscientização da alimentação saudável e conservação e preservação do meio ambiente (O'REILLY, 2014).

Segundo Aquino e Assis, (2007) a agricultura é o produto da evolução dos sistemas sociais e naturais. A partir desse conceito, os autores defendem que a agroecologia procura agroecossistemas que não produzam danos diretos ao ecossistema, objetivando a implantação de uma base mais científica para as práticas de cultivo que empregam ao uso consciente dos recursos naturais. Para a caracterização dessa prática são necessários alguns fatores determinantes, como a localização da horta, os modelos de movimentos econômicos realizados, as técnicas de produção, as variedades e o destino do que é produzido.

A produção de orgânicos tem suas práticas pautadas pela tecnologia de processos, técnicas que integram o solo, a planta, o clima, gerando produtos frescos e com sua composição e nutrientes originais, que agradam os que buscam alimentos livres de defensivos agrícolas. Esse público tem expandido e com isso interferido no mercado, atingido os já conhecidos padrões de fabricação dos produtos em larga escala, que não tem a ecologia como base (AQUINO; ASSIS, 2007).

Os defensivos agrícolas foram criados para serem usados como armas químicas na guerra, mas nos anos 60 a função desses agentes mudou e começaram a serem vendidos nas plantações para combater pragas. Com o nome de Revolução Verde os governos inseriram o modelo político capitalista para que a produção fosse industrial, utilizando modelos mais modernos. Outra ação foi o aumento de espaços para o cultivo influenciando proporcionalmente em danos nos solos, gerando contaminação da terra e atingindo as populações que se alimentavam das produções, causando fome (FABRICIO, 2017).

O movimento de pessoas que plantam nas cidades ainda que esteja em fase de estabelecimento, o mesmo já ganhou espaço em grandes instituições mundiais entre elas a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o mesmo acontece em entidades privadas (AQUINO; ASSIS, 2007).

As hortas implantadas em espaços de uso comum, denominadas hortas comunitárias, são normalmente cedidas a um determinado grupo de pessoas, que reside na localidade. O funcionamento pode ser coletivo em que suas atividades são divididas por todos os trabalhadores, dividindo também os produtos produzidos pela horta (O'REILLY, 2014)

A localização das hortas é relevante para a sua identificação, porém tal informação não é o suficiente para definir se é urbana ou rural, mas sim a sua integração com o ambiente da cidade. Dessa forma a agricultura urbana é o cultivo de alimentos numa área urbana ou periurbana, utilizando técnicas que relacionem o homem, o ecossistema e a estrutura das cidades. A partir desse conceito, a agroecologia é vista como ideal para os grandes centros, os produzidos com essa base que respeita o ambiente, têm se mostrado como mecanismo para assegurar a pequena produção com pouca ou nenhuma presença de agentes externos, comprometidos em manter os recursos da biodiversidade e gerando empregos (AQUINO; ASSIS, 2007).

A interação entre o campo e a cidade ocorre por diversos fatores como a economia, a cultura, a sociedade e a agricultura. Nessa relação cada um obtém

vantagens, estabelecendo uma troca, o meio rural envia produtos, porém absorve a tecnologia das hortas urbanas. Caracterizando assim uma relação benéfica para ambos e assim enriquecendo a sociedade economicamente e o meio ambiente (FERREIRA, 2013).

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), criado em 2004, apresentou medidas de combate a fome e segurança alimentar, através da sua associação a Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SESAN), e colaboração do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA)(O'REILLY, 2014).

O MDS financia iniciativas que asseguram a segurança alimentar e nutricional da população. Com mais de 120 projetos de agricultura urbana entre parceiros como cidades, municípios e ONGs. Os projetos variam de produção em hortas comunitárias, cultivo de plantas medicinais, criação de animais e até em comercialização em feiras e indústrias (O'REILLY, 2014).

Os produtos mais cultivados nas hortas são os legumes e verduras de tipos variados, outro produto são as plantas medicinais. O conhecimento tradicional de usar plantas no tratamento de doenças tem sido inserido nas práticas das hortas comunitárias. Isso tem refletido na busca pelas pessoas que consomem os alimentos dessa produção (GRATÃO, et al, 2015).

A criação de projetos como as hortas comunitárias e farmácias vivas no Brasil, se deu pelo aumento na busca por novos modelos de tratamento. Outras medidas do governo foram à elaboração da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterapia em 2006, e do Programa Nacional de Plantas Medicinal e Fitoterápico em 2008. Ambos são instrumentos para a regulamentação do uso de terapias alternativas no Serviço Único de saúde (SUS). A publicação em 2012 do livro Cadernos de atenção Básica - Práticas integrativas e complementares: planta medicinal e fitoterápica na Atenção Básica deu mais destaque para a magnitude da utilização de plantas medicinais na terapêutica de doenças simples na atenção básica(GRATÃO, et al, 2015).

Na II Conferência Nacional na Segurança Alimentar e Nutricional (II CNSAN), em 2004, 47 ações foram definidas para o desenvolvimento da Política Nacional de

Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN) no país. A agricultura urbana foi apontada como uma ferramenta para a conquista da segurança alimentar, através do cultivo de alimentos orgânicos locais, e a elaboração de uma Política Nacional de Agricultura Urbana(O'REILLY, 2014).

No III CNSAN foi proposto marcos regulatórios fundamentais para firmar o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional instituído pela Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN) n. 11.346, de 15 de setembro de 2006(O'REILLY, 2014).

A implantação de hortas nas metrópoles influencia em múltiplas áreas da sociedade, através da inclusão social, a segurança e soberania alimentar, o conhecimento tradicional, a geração de renda. Essa ação nas cidades se apresenta de diferente causa em países desenvolvidos e subdesenvolvidos, sendo uma alternativa para a preocupação com o ecossistema e uma ferramenta para o combate a fome, respectivamente (FERREIRA, 2013).

Em relação ao gênero, as mulheres aparecem mais em posição de liderança na agricultura urbana. Os homens normalmente têm funções que as mulheres entendem como mais pesadas, como a preparação da terra para o cultivo. São elas que lidam com a colheita, embalagem e venda dos produtos na maior parte dos projetos, e ainda possuem obrigações como os afazeres domésticos e a educação dos filhos, somando diversas demandas (FERREIRA, 2013).

No fator econômico as hortas urbanas aparecem com um novo modelo de comércio, a integração da produção com a demanda da cidade. As unidades de produção têm sido instrumentos importantes em meio a crises da falta de alimentos. A produção tem como objetivo atender as necessidades das famílias e escolas, a venda é secundária, normalmente acontece em feiras de produtos orgânicos para auxiliar nas necessidades das hortas e entre os trabalhadores do projeto (FERREIRA, 2013).

O Programa Nacional de Agricultura Urbana foi lançado pelo Ministério do Desenvolvimento Social em 2018, com o objetivo de contribuir com a segurança alimentar e promoção da saúde. O projeto vai estabelecer parcerias com os estados

e municípios para a elaboração de políticas de agricultura em escolas e associações comunitárias (MDS, 2018).

Através da experiência da autora como voluntária no projeto Quintais Produtivos do grupo Semeando da Fundação Oswaldo Cruz, Campus Mata Atlântica na Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro, que tem como objetivo a promoção da saúde e soberania alimentar da comunidade local, o estudo abordará a observação desses quintais e também de outros projetos de hortas comunitárias da cidade do Rio de Janeiro.

2.1. Hortas Cariocas

O projeto da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMAC), teve seu início em 2006 na cidade do Rio de Janeiro, gerenciado pela Agroecologia e Produção Orgânica, tem o objetivo de estimular a formação de hortas comunitárias em regiões carentes, promovendo empregos e acesso a alimentos de qualidade. (Fig. 1).



Figura 1- Logomarca Hortas Cariocas
Fonte: Facebook Hortas Cariocas.

Composto por mais de cem participantes atuantes em áreas pobres do estado, o projeto Hortas Cariocas (PHC) implantou 40 hortas comunitárias, porém nem todas se encontram em funcionamento, como é o caso de oito que por não alcançarem o objetivo proposto foram paralisadas. Quando o projeto apresenta resultados positivos às hortas podem ser emancipadas como ocorreu com 12 delas(O'REILLY, 2014). (Fig. 2).



Figura 2- Equipe de trabalhadores do Projeto Hortas Cariocas
Fonte: Facebook Hortas Cariocas.

2.1.1. Horta Comunitária de Manguinhos

Localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, o bairro abriga uma das mais conhecidas comunidades da cidade. O ambiente de violência, e com falta de investimentos em assistências básicas e abandono pelo poder público é o território da maior horta comunitária da América Latina, a Horta Carioca de Manguinhos(O'REILLY, 2014). (Fig. 3)



Figura 3- Horta Comunitária de Manguinhos

Fonte: Site UPPRJ- Mariano Azevedo.

O projeto Hortas Cariocas foi implementado em 20013, após a instalação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), visto que o espaço era anteriormente utilizado para venda e consumo de drogas, localizado na Vila Turismo (O'REILLY, 2014).

A equipe é composta por moradores do bairro, dentre esses ex-presidiários e pessoas que tiveram associação ao tráfico de drogas. (Fig. 4). A associação de Moradores indicaos trabalhadores, visando à integração de movimentos sociais da comunidade, os quais receberam curso de capacitação para a equipe, pelo Centro Comunitário de Defesa da Cidadania (CCDC) de Manguinhos(O'REILLY, 2014).



Figura 4-Trabalhador da Horta Comunitária de Manguinhos
Fonte: Site UPPRJ- Mariano Azevedo.

A produção é diversificada, entre hortaliças, legumes, entre eles o quiabo, almeirão, berinjela, tomate, cebolinha.(Fig. 5). A metade do que é produzido tem sua distribuição em feiras organizada pela própria equipe, e a outra metade é doada para escolas e famílias carentes(O'REILLY, 2014).(Fig. 6).



Figura 5- Canteiros da Horta Comunitária de Manguinhos
Fonte: Site UPPRJ- Mariano Azevedo.



Figura 6- Barraca de produtos da Horta Comunitária de Manguinhos
Fonte: Facebook Hortas Cariocas.

O projeto mantém parceria com a ONG americana “Green My Favela”, que apresenta atividades com idosos e crianças do bairro. Outro parceiro é o Centro de Educação Ambiental da (SMAC), em que os Agentes Ambientais promovem oficinas e visitas com as crianças da comunidade (O’REILLY, 2014).

2.2. Horta Comunitária de Parada Angélica

O projeto Hortaliças Esperança está localizado no município de Duque de Caxias/RJ, na comunidade de Parada Angélica. Instalada na sede da Associação de Moradores Vila Getúlio Cabral, a horta comunitária é a junção de parceiros como o curso de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o curso de agronomia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a Prefeitura Municipal e os moradores da comunidade (PINTO, et al,2017).

Visando a criação e capacitação de uma unidade de trabalho no cultivo de hortaliças, usando o ambiente da comunidade local, promovendo assim a segurança alimentar e geração de renda para os trabalhadores da horta. (Fig. 7). Os encontros para a implantação da horta tiveram início em 2015, com a presença de diversos atores envolvidos como representantes da Prefeitura, a equipe de INSC/UERJ, alunos de agronomia da UFRRJ e os moradores, que puderam opinar suas preferências no que deveria ser plantado e como aconteceriam as atividades (PINTO, et al,2017).



Figura 7-Equipe de trabalhadoras da Horta Comunitária de Parada Angélica

Fonte: Site Brasil de Fato- Victor Ohana.

A horta comunitária de Parada Angélica atuou como instrumento de atenção às autoridades municipais para a elaboração de outras medidas na agricultura urbana, como exemplo o Projeto de Hortas Escolares que está sendo implantado em unidades de ensino de Duque de Caxias. Promovendo também o desenvolvimento de políticas públicas relacionadas a alimentação saudável (PINTO, et al,2017).

Com a implantação da horta, a comunidade alcançou outros objetivos distintos dos propostos inicialmente pelos idealizadores do projeto, tais como a reativação da Associação de Moradores, que antes não apresentava o devido funcionamento. Outro benefício é integração da comunidade, com encontros e debates de questões referentes ao espaço comum (PINTO, et al,2017).

2.3. Quintais Produtivos da Colônia Juliano Moreira

O projeto pertence ao grupo Soberania, Segurança Alimentar e Nutricional e Economia Solidária nos Setores Populares, da Fundação Oswaldo Cruz, situado no Campus Mata Atlântica, dentro da Colônia Juliano Moreira em Jacarepaguá. Com o objetivo de promover a saúde através de uma parceria com os moradores e produtores locais (Fig. 8).



Figura 8- Equipe de Agricultoras dos Quintais Produtivos
Fonte: Acervo do Projeto Quintais Produtivos.

Atuando em quintais produtivos que são espaços destinados ao cultivo de hortaliças, leguminosas, frutas e plantas medicinais, dentro da propriedade residencial desse agricultor (PEDROSA, 2016).

A equipe multidisciplinar opera em seis quintais produtivos, dentro da Colônia Juliano Moreira, próximos a sede do Campus Mata Atlântica. Agindo como auxiliares dos produtores, na manutenção das hortas através de mutirões em que todos os membros do projeto participam independente de ser o seu próprio quintal(Fig. 9).



Figura 9- Agricultoras dos Quintais Produtivos em atividades de limpeza em um dos quintais.
Fonte: Acervo do Projeto Quintais Produtivos.

Com encontros mensais a equipe e os responsáveis pelos quintais debatem as atividades de comércio e as melhorias para a manutenção do programa. Atualmente cada um dos seis quintais tem uma mulher como responsável(SOUZA et al, 2014)(Fig. 10).



Figura 10- Reunião de equipe e agricultoras dos Quintais Produtivos.
Fonte: Acervo do Projeto Quintais Produtivos.

A partir da valorização das experiências espontâneas e do conhecimento dos moradores, a atuação da equipe multidisciplinar da Fiocruz acontece, primordialmente, na articulação estratégica entre os moradores/produtores e sua participação em redes e organizações que possibilitem a sustentabilidade de seus quintais.(SOUZA et al, 2014)(Fig. 11).



Figura 11- Dona Rita, agricultora dos Quintais Produtivos.
Fonte: Acervo do Projeto Quintais Produtivos.

Os produtos produzidos são variados em legumes, hortaliças e frutas, de acordo com as escolhas de cada produtora (Fig. 12). A equipe organiza as frentes de comércio, como a barraca do projeto, feiras de bairros, eventos de sementes e as feiras em outras unidades da Fundação Oswaldo Cruz (Fig. 13) (SOUZA et al, 2014).



Figura 12- Produção dos Quintais Produtivos.
Fonte: Acervo do Projeto Quintais Produtivos.



Figura 13- Agricultoras na barraca do Projeto Quintais Produtivos.
Fonte: Acervo do Projeto Quintais Produtivos.

Através do projeto e seus parceiros como AS-PTA e Rede Carioca de Agricultura Urbana, um dos quintais produtivos de uma das agricultoras recebeu o certificado pelo Sistema Participativo de Garantia da Associação de Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro (SPG- ABIO*), sendo então a primeira produtora de horta urbana no país (Fig. 14). Esse registro afirma a qualidade do que é produzido nesse espaço de agricultura ecológica, livre de agrotóxicos e outros agentes tóxicos. Atualmente três dos quintais já receberam o certificado e um está em tramitação(SOUZA et al, 2014).

Outra conquista do projeto foi a participação em dois mandatos em uma cadeira no Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional do Município do Rio de Janeiro (Consea-Rio), nos anos de 2014 a 2017(SOUZA et al, 2014).



Figura 14- Dona Fátima a primeira agricultora dos Quintais Produtivos.
Fonte: Acervo do Projeto Quintais Produtivos.

2.3.1. A gestão inovadora

Uma das áreas dentro da agropecuária é a produção familiar, que já representa destaque na economia nacional, que como qualquer outra empresa, visa o crescimento, aumento de lucros e estabelecimento no mercado. Por ser familiar, apresentam alguns pontos distintos, como as relações entre os familiares e

conhecimento de mercado, que podem levar a falência do empreendimento (LOURENZANI, 2006).

Algumas condições podem atingir severamente o negócio, gerando o fim da fonte de renda Familiar. No setor da agricultura são as dificuldades para liberação de créditos, a definição da produção, o acesso a tecnologia ideal para cada produção, a obtenção de insumos e a comercialização, que se tornam obstáculos para os pequenos agricultores administrarem suas hortas. O produtor agrícola ainda que consiga enfrentar todos esses fatores para manter seu empreendimento, apresenta baixo rendimento, não conseguindo expandir e se estabelecer no mercado. Isso se dá por erros de administração, falta de conhecimento em gestão (LOURENZANI, 2006).

Segundo Lourenzani(2006) o conceito de gestão é o método que efetua os objetivos empresariais através de atividades entre indivíduos e recursos. E tem como base o planejamento, execução e domínio de tarefas, cada um possui papel fundamental no processo de gerenciamento. O gestor tem propriedade para lidar com os aspectos internos como as relações com os demais trabalhadores, escolha da produção, divulgação e as finanças. E também os fatores externos, que podem ser as condições climáticas, a legislação e as demandas do mercado que afetam diretamente uma empresa.

Aguiar (2007) afirma que a implantação de um esquema institucional, não é suficiente, pois os sistemas de produção e entendimento não se obtém em meio a dúvidas e alterações. Mas a ideia é a maneira de expor tais pontos independentes de sua origem. A autora destaca a existência de diversos métodos de gestão dentro de uma única equipe, as orientações não alcançam as múltiplas formas de trabalho existentes nos diversos modelos de agricultura. Deve ser levado em consideração que as pessoas são diferentes e que cada uma se apresenta de um modo nas frentes de produção, promovendo um estilo de gestão para cada um. A percepção de como o negócio, está estruturado e a estratégia, é a melhor forma de conhecer o mecanismo de administração ideal para que todos os envolvidos estejam integrados, tanto a mão de obra quanto os processos.

Nos Quintais Produtivos a gestão adotada é participativa, onde todos podem opinar, participar das decisões, conjunto as agricultoras, horizontal como é denominada pelo grupo. O coordenador Robson do Patrocínio entende que a instituição Campus Fiocruz Mata Atlântica (CFMA) que originou o projeto, contribui com a expertise e conhecimento enquanto as produtoras disponibilizam as suas necessidades e anseios para o êxito do programa (Fig. 15). Isso se dá por meio de reuniões mensais entre a equipe e as mulheres, contato direto por telefone e grupos em aplicativos de telefonia e visitas tanto ao campus como as plantações(SOUZA et al, 2014).

A metodologia escolhida para realização da gestão do projeto tem como objetivo estabelecer processos participativos, compartilhados e co-gestionários, de caráter informativo e formativo, envolvendo moradores, organizações parceiras locais de modo a gerar troca, fusão de saberes e apropriação dos conhecimentos técnicos necessários sobre práticas alimentares saudáveis, tecnologias sustentáveis e agricultura urbana de base agroecológica visando contribuir para a promoção da saúde visando o desenvolvimento das comunidades de forma autônoma em bases socialmente eqüitativas e ambientalmente sustentáveis (SOUZA et al, 2014).



Figura 15- Reunião da equipe e agricultoras dos Quintais Produtivos.
Fonte: Acervo do Projeto Quintais Produtivos.

Usando experiências anteriores para estruturar a gestão que é mais apropriada para o projeto. Pois o mesmo conta com interação entre diversos atores distintos além da equipe de trabalho, as agricultoras os parceiros como a Rede carioca de agricultura urbana (Rede CAU), ONG Assessoria e Serviços a Projetos

em Agricultura Alternativa AS-PTA, Associação de agricultores Orgânicos de Vargem Grande, e a própria instituição Fiocruz Mata Atlântica (CFMA) (SOUZA et al, 2014).

Prova disso foi à participação da Dona Fátima, a primeira agricultora de horta urbana certificada pela Associação de Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro (ABIO), que em uma das reuniões no início do projeto apontou que a aproximação da equipe com os moradores não era a mais adequada, a sugestão foi ouvida e mudado o método, e isso resultou no ingresso de novos produtores em quintais (SOUZA et al, 2014) (Fig.16).

A construção coletiva de novos conhecimentos ocorreu desde a elaboração do projeto, em encontros com moradores que já haviam implantado hortas em seus quintais, lideranças comunitárias e organizações parceiras, além dos agentes locais e moradores bolsistas da Fiocruz que tiveram um papel fundamental no planejamento, definição de estratégias, desenvolvimento e avaliação das ações por seu conhecimento do território, dos moradores e suas práticas. Todo esse aprendizado é valorizado e consolidado nas ações de assessoria e monitoria realizadas durante as reuniões mensais (SOUZA et al, 2014).

Assim a gestão do projeto se torna uma forma inovadora de administrar, pois não se baseia em um mecanismo da literatura apenas, e sim algo mais próprio e exclusivo, que considera todos os envolvidos e suas expectativas em participar do grupo, a integração e o livre acesso entre a equipe e as trabalhadoras e o respeito pela contribuição do outro é o que marca os quintais produtivos da colônia como um coletivo de gerenciamento inovador (SOUZA et al, 2014).



Figura 16- Dona Fátima, agricultora dos Quintais Produtivos em seu quintal.
Fonte: Acervo do Projeto Quintais Produtivos.

Cada produtora também se torna uma gestora, pois a mesma precisa atender diversas demandas, como as suas hortas, a comercialização nas feiras semanais, as reuniões do coletivo, as integrações com os parceiros que possibilitam que realizem intercâmbio com outros agricultores trocando conhecimentos e sementes, sem falar das obrigações domésticas e com os filhos. Tantas atividades que necessitam de uma organização e planejamento para manterem suas rotinas de trabalho(SOUZA et al, 2014) (Fig. 17).



Figura 17- Dona Aldaci, agricultora dos Quintais Produtivos.
Fonte: Acervo do Projeto Quintais Produtivos.

2.3.2. Análise referente à experiência como voluntária

A experiência como voluntária do Projeto Quintais Produtivos possibilitou uma mudança e ampliação na percepção da relação terra e alimento. Observar como a prática da agricultura é tão valorizada e respeitada pelo Projeto, formou marcas profundas.

A pesquisa aconteceu através de registros como artigos e atas de reuniões do acervo do grupo. Participei de reuniões de equipes, dos encontros mensais com as agricultoras que discutiram as estratégias para a manutenção do coletivo e os mutirões nas hortas, em que todas participam ajudando na conservação do quintal de uma das agricultoras.

Dos materiais obtidos foram analisados os processos de formação, estruturação e integração com os parceiros que apresentam papel importante na independência das produtoras, pois eles contribuem promovendo intercâmbios e trocas com outros grupos, divulgando o projeto e cada quintal produtivo.

O Projeto tem como inovador dois aspectos que são o cultivo nas residências e a gestão que é composta. O cultivo domiciliar abre um leque de vantagens como a produção em pequenos espaços, a ligação com a terra com sentimento de pertencimento, pois é a própria casa, o acesso a alimentos e esses sem uso de defensivos agrícolas.

A gestão segundo o coordenador Robson do Patrocínio, é compartilhada, participativa e está baseada no apoio às agricultoras, até que elas possam estabelecer relações com os apoiadores como a Rede Cau e a AS-PTA, e se tornarem capazes de administrarem seus quintais.

A influência do projeto na Colônia Juliano Moreira aconteceu através de fatores como o testemunho das produtoras que tiveram suas vidas mudadas após entrarem no grupo e da barraca das agricultoras que permite a comunidade comprarem os produtos orgânicos, os famosos xaropes da Dona Rita. O ponto já é conhecido por todos do bairro, alguns passam até para simplesmente cumprimentar as mulheres.

O projeto não é tão jovem, mas o estabelecimento deste modelo de gestão é mais novo e com isso, ainda apresenta a necessidade de alguns ajustes para alcançar o êxito. Entre esses pontos que exigem mais atenção está o tempo de estruturação, o mesmo levou um tempo considerável para que pudesse hoje ter seus quintais consolidados e agora precisam se preparar para que esse tempo seja otimizado na estabilidade dos próximos integrantes.

A nova fase alcançada pelos quintais que é autônoma, a integração com outros atores, também gera uma nova questão, que é o gerenciamento dessa fase. O aumento da demanda sobre essas mulheres, algumas antes tinham uma rotina sedentária, e, agora lidam com uma realidade recente, sendo necessário um apoio do projeto, para que elas possam descobrir o modelo ideal de gestão dessa moderna etapa.

Embora as agricultoras possuam o conhecimento tradicional para cuidar da terra e do tratamento ideal para cada espécie, as plantas medicinais não ganham tanto destaque como os demais produtos das hortas. Esse rico conhecimento não pode ser perdido, o ideal seria a transferência de informações para as próximas gerações, a maior exploração das plantas nas hortas, promovendo assim o uso de medicinas alternativas. Mesmo com esses pontos que se destacam e carecem atenção, o grupo influencia a vida das agricultoras, dando mais liberdade e tornando as partes significante na renda familiar, na alimentação da comunidade que pode comprar alimentos orgânicos, que atuam diretamente na saúde da população consumidora (fig. 18).



Figura 18- Primeiro encontro com a equipe dos Quintais Produtivos.
Fonte: Acervo do Projeto Quintais Produtivos.

3. DISCUSSÃO

A agricultura urbana tem ganhado notoriedade como uma atividade de lazer ou terapia, melhorias na paisagem das cidades, oferecimento de uma alimentação saudável, fonte de renda e educação ambiental a crianças. Esses benefícios garantem elevação na qualidade de vida da comunidade que possui um projeto de horta comunitária (JACCOUD, 2016).

Segundo Mauad, (2013) os benefícios da implantação de hortas urbanas são diversos. Expressam a sensação de campo dentro das cidades, alterando os ambientes cheios de prédios. O serviço dentro de um projeto de agricultura urbana trabalha as relações entre os agricultores e a comunidade, tornando a vida urbana mais leve. As hortas instaladas sobre lajes atuam na diminuição do calor produzido pelo concreto, aumentam o conforto ambiental além de gerar beleza ao ambiente. A atividade do cuidado com a terra tem sido adotada como terapia e educação ambiental. Esses fatores são grandes vantagens para as autoridades locais que percebem o retorno do programa que atua na economia das cidades, gerando empregos, reutilização de espaços públicos e o abastecimento dos produtos em escolas, creches e asilos.

Ainda que apresentem exemplos de sucesso, as hortas enfrentam algumas dificuldades. Entre os pontos mais comuns em diversos casos de agricultura urbana está o pouco conhecimento técnico específico dos produtores em relação aos cuidados com a água, a comercialização também aparece como obstáculo, e o controle de pragas na plantação. Algumas hortas não conseguem melhorar esses quesitos devido a pouca assistência dos órgãos públicos responsáveis. Constata-se assim que o avanço dos projetos depende de ajustes na organização da comunidade e de políticas de apoio as hortas urbanas(CALBINO,et al;2017)

Os projetos de agricultura urbana promovem o desenvolvimento sustentável, através da produção de alimentos. Proporciona a segurança alimentar e nutricional, o cultivo de forma ecológica, promoção da saúde pelo consumo de plantas medicinais, geração de renda para famílias antes desempregadas e sem recursos e a formação de um ambiente de organização comunitária. Além de todas as vantagens citadas anteriormente, as hortas também promovem a partilha do

conhecimento tradicional entre as pessoas. O saber que é passado por gerações nos ensina sobre as espécies de plantas medicinais, as propriedades farmacológicas, as características de plantio, são informações de suma importância para a sociedade. E é através desses programas de agricultura que podemos resgatar essa sabedoria

Ainda que apresentem limitações, esses movimentos têm apresentado resultados positivos frente os pontos expostos anteriormente. A horta urbana não é apenas um projeto, é vida, é expressão, é movimento (PINTO, et al,2017).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os projetos de agricultura urbana instalados nos grandes centros das cidades apresentam influências em diversas esferas da vida do cidadão, como na alimentação através do consumo de produtos orgânicos, geração de emprego e renda para os produtores, a transmissão do conhecimento tradicional das práticas agrícolas e no uso de plantas medicinais como terapia.

Durante a composição do presente trabalho foi possível conhecer alguns Projetos de hortas urbanas na cidade do Rio de Janeiro, como o Hortas Cariocas de Manguinhos, Hortaliças Esperança e os Quintais Produtivos. Cada um possui características próprias, porém ambos apresentam resultados benéficos diretamente na vida dos envolvidos com os coletivos.

A Horta Carioca de Manguinhos implantada em uma área que antes era um local de venda de drogas, hoje os canteiros de verduras, legumes expressam um recomeço para a comunidade, a possibilidade de ter uma nova realidade, e isso vai muito além do acesso a alimentação saudável.

As Hortaliças Esperança tiveram sua origem a partir da busca da comunidade pela revitalização de uma antiga horta no bairro que foi abandonada, e isso foi possível através de uma parceria entre a academia e a população. Esse projeto destaca o interesse das pessoas pelo hábito de plantar seu próprio alimento, e a relação com o meio ambiente.

Os Quintais Produtivos refletem um modelo ao mesmo tempo antigo e inovador, que é a prática de plantar em casa. Antigamente as pessoas tinham esse costume na área rural, no projeto isso acontece nos centros urbanos, cada agricultora cultiva diversos produtos em seus quintais, tendo assim acesso aos alimentos mesmo em pequenos espaços. Isso iniciou a partir do resgate familiar das práticas de agricultura que cada uma teve, vendo as mães e avós lidarem com a terra.

A pesquisa realizada alcançou seu objetivo, que era analisar a influência da agricultura urbana na sociedade, atingindo diversas áreas da vida do indivíduo como a alimentação, a renda familiar e a saúde. Através da análise de dados dos projetos

citados, artigos do tema e a experiência como voluntária dos Quintais Produtivos da Colônia Juliano Moreira.

Considerando tudo que foi exposto neste estudo, conclui-se a relevância da agricultura urbana e suas ações promissoras para a vida do homem, da cidade e do mundo.

5. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Katia. Economia dos setores populares: modos de gestão e estratégias de formação. Economia dos setores populares: sustentabilidade e estratégias de formação. Capina. São Leopoldo: Oikos, 2007.

AQUINO, Adriana Maria; ASSIS, Renato Linhares. Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia. *Ambiente & Sociedade*. Campinas. 2007.

CALBINO, Daniel; *et al.* Avanços e desafios das hortas comunitárias urbanas de base agroecológica: uma análise do município de Sete Lagoas – MG. **COLÓQUIO – Revista do Desenvolvimento Regional - Faccat - Taquara/RS - v. 14, n. 2, jul./dez. 2017.**

CASTELO BRANCO M; ALCÂNTARA FA. 2011. Hortas urbanas e periurbanas: o que nos diz a literatura brasileira? *Horticultura Brasileira* 29: 421-428. Brasília-DF, 2011.

CASTRO, Josué de. **Sete Palmos de terra e um caixão**. Ensaio sobre o Nordeste, uma área explosiva. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965.

- **Geografia da Fome, o dilema brasileiro: pão ou aço**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

COSTA, Christiane Gasparini Araújo, et al. Hortas comunitárias como atividade promotora de saúde: uma experiência em Unidades Básicas de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 20(10):3099-3110. SP, 2015.

DI NARDO, S. A., CATANEO, A. A sustentabilidade na horta comunitária: qualidade de vida e geração de renda. **V ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, IV ENC DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E IENC. DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA P/ O ENSINO MÉDIO**. Toledo. v.5, n.5, 2009.

FABRICIO, Rosineide. A QUESTÃO AGRÁRIA E A SOBERANIA ALIMENTAR NO BRASIL- os limites da produção de alimentos sob o domínio do imperialismo. VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária GT 17 – Geopolítica dos alimentos e soberania alimentar ISSN: 1980-4555. Curitiba. 2017.

FARFÁN SJA; *et al.* Horticultura Urbana nos municípios de Juazeiro – BA e Petrolina – PE no Semi-Árido nordestino: limites e potencialidades para a produção agroecológica. *Horticultura Brasileira* 26: S4766-S4771. Bahia. 2008.

FERREIRA, Rubio José. Agricultura urbana e periurbana e políticas públicas: contribuição à discussão do tema a partir de uma análise espacial em Recife e Vitória de Santo Antão/PE. UFPE. Recife, 2013.

GRATÃO, Lúcia Helena Almeida, *et al.* Análise situacional das hortas comunitárias do município de Palmas, Tocantins, Brasil: uma visão etnofarmacológica. Revista Cereus. UnirG, Gurupi, TO, 2015.

JACCOUD, Dalembert de Barros. Hortas comunitárias: abordagem educativa na agricultura urbana. Grupo de Trabalho em Agricultura Urbana Do Distrito Federal. 2ª revisão. Brasília- DF, 2016.

LOURENZANI, W. L. Capacitação gerencial de agricultores familiares: Uma proposta metodológica de extensão rural. Organizações Rurais & Agroindustriais, Lavras, v. 8, n. 3, p. 313-322, 2006.

MAUAD, Thais. A instalação de uma horta comunitária e de um sistema de compostagem na faculdade de medicina da USP. **Desenvolvimento da sustentabilidade na USP-edital 2013**. São Paulo. 2013.

MDS, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. MDS cria o Programa Nacional de agricultura urbana e periurbana, 2018. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/area-de-imprensa/noticias/2018/fevereiro/mds-cria-o->

programa-nacional-de-agricultura-urbana-e-periurbana - Acesso em: 21 de Junho. 2018.

O'REILLY, Érika de Mattos. Agricultura Urbana – Um Estudo de Caso do Projeto Hortas Cariocas em Manguinhos, Rio de Janeiro. – Rio de Janeiro: UFRJ/Escola Politécnica, 2014.

PEDROSA, Rosangela Aparecida. A importância dos quintais produtivos na economia familiar. NEDET/UFGD- **Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial- Território Vale do Ivinhema/MS**. Brasil. 2016.

PINTO, Renata Bravin de Assis, *et al.* A horta comunitária como instrumento pedagógico para a segurança alimentar e nutricional. **Cadernos de Agroecologia** - ISSN 2236-7934 - Anais do II SNEA, Vol. 12, N° 1, Jul. 2017.

ROESE, Alexandre Dinnys; CURADO, Fernando Fleury. A contribuição da agricultura urbana na segurança alimentar comunitária em Corumbá e Ladário, MS. **IV Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal, Corumbá/MS**. Embrapa Pantanal. Corumbá, MS, 2004.

SANTOS, José Jaciel Ferreira, *et al.* Horta comunitária: instrumento de geração de renda para os pais das crianças do Peti – Satuba. **Congresso Técnico Científico da Engenharia e da Agronomia – CONTECC' 2015**. Fortaleza-CE, Brasil, 2015.

SOUZA, Robson Patrocínio, *et al.* Semeando Comunidades Sustentáveis na Zona Oeste do Rio de Janeiro. **Cadernos de Agroecologia**. ISSN 2236-7934- Vol. 9, No. 4, MS. Nov. 2014.